

SURDOS E A EDUCAÇÃO BILÍNGUE EM TEMPOS DE PANDEMIA: O ENUNCIATO DE PROFESSORES EM ANÁLISE

SORDOS Y EDUCACIÓN BILINGÜE EN TIEMPOS DE PANDEMIA: ANÁLISIS DE LOS
ENUNCIACTOS DE LOS DOCENTES

DEAF PEOPLE AND BILINGUAL EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC: THE ENUNCIATION
OF TEACHERS IN ANALYSIS

Neiva de Aquino Albres*

Universidade Federal de Santa Catarina

Ana Paula Jung**

Universidade Federal de Santa Catarina e Instituto Federal de Santa Catarina

RESUMO: Neste estudo, propõe-se uma análise do contexto da política linguística para surdos e o lugar do professor, refletindo sobre as ações linguísticas institucionais e as práticas cotidianas de ensino de e em Libras no Brasil em período de pandemia. Pautadas na perspectiva dialógica do discurso de Bakhtin e do círculo (2006, 2008), utilizamos a pesquisa qualitativa. Esta pesquisa tem o caráter etnográfico virtual proposto nas perspectivas de Hine (2009, 2015). Para tanto, selecionamos documentos textuais e visuais no intuito de descrevê-los, analisá-los e compará-los. Constatamos que, apesar da política no Brasil garantir o acesso às

* Doutora em Educação Especial – UFSCAR. Mestre em Educação – UFMS. Docente da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução – PGET. Curso Letras Libras. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: neiva.albres@ufsc.br.

** Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução – PGET. Docente do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC Campus Palhoça Bilingue. Curso Pedagogia Bilingue. Palhoça, Santa Catarina, Brasil. E-mail: ana.jung@ifsc.edu.

informações em Libras e à educação remota, isso ocorre de fato pela via da ação proveniente das comunidades de surdos e de intérpretes. Esse fato escancara as desigualdades sociais, principalmente a linguística, em período de distanciamento social. A partir destas constatações, concluímos que as desigualdades são minimizadas pela ação de professores e de tradutores e intérpretes de Libras-Português, ouvintes, e surdos que unidos desenvolvem uma política linguística de baixo para cima.

PALAVRAS-CHAVE: Educação remota. Libras. Bakhtin. Discurso. Política linguística.

RESUMEN: En este estudio, se propone un análisis del contexto de la política lingüística y su aplicación institucional en contexto de pandemia en las prácticas docentes diarias de enseñanza-aprendizaje, envolviendo la Lengua de señas brasileira (Libras) y estudiantes Sordos. Basándose en la perspectiva dialógica del discurso del Círculo de Bajtín (2010, 2016), se utilizó la investigación cualitativa, de carácter etnográfico virtual (Hine, 2009, 2015), partiendo de la selección de documentos textuales y visuales para descripción, análisis y comparación. El estudio develó que la política lingüística en el país, pesar de existir, no garantiza la aplicación institucional para el acceso a la información en Libras en la educación virtual, se no por el empeño de las comunidades de Sordos y interpretes de Lengua de señas. Considerando un período de distancia social, este hecho muestra la continuidad y la gravedad de las desigualdades sociales y, en especial, de las desigualdades lingüísticas. Se encuentran ausencia del Estado para las acciones comunicativa, siendo estas asumidas por parte de la comunidades de Sordos, profesores y traductores e intérpretes de Libras-Português oyentes y sordos, que unidos desarrollan una política lingüística desde la base.

PALABRAS CLAVE: Educación virtual. Libras. Bajtín. Discurso. Política lingüística.

ABSTRACT: In this study, we propose an analysis of the linguistic policy context for the deaf and the place of the professor, reflecting on the institutional linguistic actions and the daily practices of translation and interpretation for Libras in Brazil in pandemic times. Based on the dialogical perspective of Bakhtin's discourse and the circle (2010, 2016), we used research qualitative. This research has the virtual ethnographic character proposed in Hine's perspectives (2009, 2015). For this, we selected textual and visual documents in order to describe, analyze and compare them. We found that, despite the policy in Brazil guaranteeing access to information in Libras and remote teaching, it actually happens through translation from the deaf and interpreter communities. This fact opens wide the social inequalities, mainly the linguistic ones, in social distance. From these findings, we conclude that the inequalities are minimized by the action of professor and translators and interpreters of Portuguese-Brazilian Sign Language, hearing and deaf people, who together develop a bottom-up linguistic policy.

KEYWORDS: Remote teaching. Libras. Bakhtin. Discourse. Language policy.

1 INTRODUÇÃO

No início de 2020, fomos surpreendidos com a notícia de um novo vírus que rapidamente se proliferou entre a população mundial, assolando o planeta ao se disseminar entre os continentes e países, chegando até mesmo nos mais remotos vilarejos. Entre as medidas imediatas de prevenção à Covid-19, doença causada pelo novo Coronavírus, esteve a suspensão das atividades presenciais nas instituições de ensino. E, uma vez constatada a necessidade de ampliação do prazo de distanciamento social, esse período se estendeu, praticamente, ao longo de um ano letivo completo. Essa situação de crise mundial deixou ainda mais evidente as desigualdades sociais e econômicas nas quais grande parte das famílias brasileiras estão imersas. No que se refere à educação, a disparidade se revelou principalmente quando a necessidade de estabelecer o ensino a partir de aulas remotas passou também a requerer recursos tecnológicos e pais/responsáveis pedagogicamente comprometidos com o tempo e com a aprendizagem das crianças. Além dos problemas de ordem social e econômica, no caso de alunos surdos, observam-se as diferenças linguísticas das próprias crianças e jovens na relação comunicativa com seus pais e responsáveis, um aspecto necessário para conversar sobre qualquer assunto, e que é fundamental especialmente para a mediação pedagógica. Dessa forma, a situação de crianças surdas é duplamente agravada pela situação real que se apresenta na organização familiar, haja vista que um número significativo destas famílias é composto em maioria por pessoas ouvintes e a criança surda é a única falante de Libras (ZIESMANN; PERLIN; VILHALVA, 2018; LODI; ROSA; ALMEIDA, 2012). Nesse sentido, o distanciamento social torna-se efetivamente um isolamento linguístico para essas crianças.

Nesse contexto, pode-se observar que tanto os educadores de surdos, como os surdos adultos e atuantes da comunidade surda, vêm demonstrando grande preocupação com o isolamento das crianças surdas. No que se refere à área da educação de surdos, apesar das políticas de educação remota emergencial empreendidas pelas diferentes secretarias de educação estaduais e municipais no Brasil, há uma crise de acessibilidade e de garantia dos direitos linguísticos e educacionais (ALBRES; SCHLEMPER, 2021).

Esse cenário controverso nos atraiu como pesquisadoras, visto que temos empreendido tempo e esforços para a produção de pesquisa sobre educação bilíngue voltada para as pessoas surdas. E, por outro lado, também fomos surpreendidas com a necessidade de novos modos de fazer pesquisa, de interagirmos e manter ativa nossa curiosidade investigativa, o que tornou a etnografia virtual uma opção interessante, para além de necessária.

Uma pandemia surge como algo completamente novo para a escola e para os professores, que também precisam reinventar os modos de ensinar e aprender. As instituições de ensino, em seus diferentes níveis, passaram a adotar medidas emergenciais, para não “perder o ano letivo”. A pandemia, desse modo, não coloca uma crise educacional exatamente nova, mas amplifica uma situação crítica já existente.

O problema de pesquisa está posto. Assim, organizamos esse artigo como uma narrativa que compila nosso olhar e reflexões sobre o presente contexto. Desta forma, o organizamos a partir dessa seção introdutória, na qual apresentamos o problema de pesquisa, seguido da contextualização sobre direitos linguísticos das crianças surdas e os problemas atuais das políticas linguísticas e educacionais (seção 2). Apresentamos, em seguida, a metodologia de pesquisa (seção 3) e logo depois a análise dialógica do discurso (ADD) de um professor surdo sobre a educação de crianças surdas nesse período de pandemia (seção 4). Finalizamos com a seção 5, onde sintetizamos as reflexões neste trabalho embasadas na análise do discurso.

2 DIREITOS LINGUÍSTICOS DAS CRIANÇAS SURDAS

As comunidades surdas brasileiras têm lutado há décadas para o reconhecimento da Libras, bem como para a garantia de direitos essenciais na educação, na saúde, na cultura e nas demais áreas da vida social. A efetivação destes direitos está intimamente atrelada à aquisição e ao uso da língua, bem como às situações de ensino e aprendizagem, além de questões que envolvem a tradução e a interpretação para Libras (BRITO, 2013; ALBRES, 2020).

No campo da educação, o direito linguístico à Libras e ao português como segunda língua tem sido atravessado pelo discurso do direito à educação inclusiva, regida em escola comum que congregue alunos surdos e ouvintes como um espaço de aprendizagem com as diferenças. Contudo, essa interpretação do conceito de diferença humana tem minimizado as reais necessidades dos alunos surdos, ocasionando verdadeiras situações de apagamento destes sujeitos no contexto escolar. Concordamos que essas diferenças

[...] não são uma obviedade cultural nem uma marca de 'pluralidade'; as diferenças se constroem histórica, social e politicamente; não podem caracterizar-se como totalidades fixas, essenciais e inalteráveis; as diferenças são sempre diferenças; não devem ser entendidas como um estado não desejável, impróprio, de algo que cedo ou tarde voltará a normalidade; as diferenças dentro de uma cultura devem ser definidas como diferenças políticas - e não simplesmente como diferenças formais, textuais ou linguísticas; as diferenças, ainda que vistas como totalidades ou colocadas em relação com outras diferenças, não são facilmente permeáveis nem perdem de vista suas próprias fronteiras; a existência de diferenças existe independentemente da autorização, da aceitação, do respeito ou da permissão outorgada da normalidade. (SKLIAR, 1999, p. 22-23)

Não traçamos como objetivo inventariar toda a política brasileira que cita o direito à Libras e o reconhecimento à diferença linguística dos alunos surdos. Outros estudos podem ser consultados, nos quais encontra-se essa legislação sumariada (LODI, 2014; FERNANDES, MOREIRA, 2014; RODRIGUES; BEER, 2016). Destacamos apenas que a política educacional brasileira indica a Libras como primeira língua da comunidade surda e o português, em sua modalidade escrita, como segunda língua, o que implica pensar a responsabilidade do Estado em prover as necessárias “[...] ações afirmativas em defesa da existência, valorização e difusão” (FERNANDES; MOREIRA, 2014, p. 61) da Libras. Para estas autoras, este grupo tem sofrido com a ineficácia de políticas para

educação de surdos que de fato coloquem a Libras na vanguarda, principalmente na primeira infância e nos primeiros anos da educação básica, o que as leva a questionar

[...] por que, então, no caso dos surdos, secundariza-se a questão prioritária do direito à libras como língua materna nas políticas educacionais? Por que, em todos os documentos que compõem o aparato jurídico no que tange à situação dos surdos não há uma diretriz clara e objetiva que aponte estratégias que assegurem às crianças surdas o direito de aprender libras na infância, até os cinco anos, em escolas públicas bilíngues? Sim, é verdade que em todos esses textos o português figura como segunda língua, mas o direito a aprender o português como L2 assegura que a primeira língua será a Libras? (FERNANDES; MOREIRA, 2014, p. 63)

Para que os alunos surdos convivam em escolas comuns, também chamadas de escolas inclusivas, se constrói o “[...] espaço de negociação como campo teórico-político que se constitui entre o discurso e/ou as práticas do Governo e as narrativas dos sujeitos marcadas por suas culturas e línguas” (PERLIN, SOUZA, 2015, p. 56).

Os movimentos políticos em torno das línguas de sinais consolidaram alguns aspectos no Brasil, dentre eles, políticas linguísticas, de educação e de tradução como relacionado abaixo

- i. leis e resoluções que normatizam princípios linguístico-educacionais (como a língua deve ser nomeada, como deve ser ensinada, para quem e por quem deve ser ensinada, quais os lugares que deve ser ensinada);
- ii. normativa e perfis de tradução e interpretação (a definição do profissional da tradução e da interpretação, a formação de tradutores e intérpretes, a definição de lugares de atuação para esses profissionais, normas e códigos de conduta);
- iii. em recomendações ao poder público em relação ao uso e à difusão da Libras. (SANTOS; FRANCISCO, 2018, p. 2946)

A realidade de reconhecimento e difusão da Libras no Brasil tem sido contemplada, em parte, por uma legislação vigente voltada especificamente à educação bilíngue para surdos - embora ainda com muitas limitações. No entanto, diante da crise humanitária estabelecida pelo contexto pandêmico, é imprescindível que seja lançado um olhar mais efetivo para o cenário educacional tal como se apresenta neste período de distanciamento social. Dito de outro modo, é urgente que se pense em propostas de educação remota que defendam a valorização das línguas de sinais dos estudantes, de suas práticas socioculturais, bem como de seus processos próprios de aprendizagem. Como procuramos demonstrar, as complexidades desse contexto exigem a implementação de políticas educacionais e linguísticas apropriadas, diferentes do que já foi desenvolvido.

Desse modo, entendemos que qualquer uma das manifestações enunciativas, sejam elas o texto de uma política, um discurso pessoal ou um recado são concretizadas como um ato de resposta a enunciados anteriores, evidenciando a perspectiva dialógica da linguagem. Eles indicam um projeto de dizer (re)ativo, um plano enunciativo singular, que se relaciona com outros discursos, dirigido a(o) outro, nas diversas acepções que o termo “outro” pode admitir: “Todo enunciado é dialógico, ou seja, é endereçado a outros, participa do processo de intercâmbio de ideias: é social” (BAKHTIN, 2016, p. 118). As políticas linguísticas e de tradução construídas até o momento são respostas às ações das comunidades surdas. É “na singularidade do existir do evento” (BAKHTIN, 2012, p. 66), de uma atitude orientada e uma linguagem interindividual que o enunciado acontece, sempre situado histórica e socialmente. Vieira (2019, p. 93) complementa que o enunciado é um ato social, materializado em signos, um fenômeno atitudinal situado em um contexto e, a partir disso, propõe a denominação de “enunciATO”.

3 CONTEXTO DA PESQUISA E METODOLOGIA

Esta pesquisa filia-se às investigações qualitativas que tomam os fenômenos sociais como objeto de estudo. As comunidades surdas têm se apropriado das tecnologias da informação e comunicação e participado efetivamente de redes sociais e virtuais, conectando-se literalmente no mundo. Em estudos anteriormente realizados, evidenciou-se a participação das comunidades surdas em pesquisas desenvolvidas no Orkut (MACHADO; FELTES, 2010; SILVEIRA, 2010). As redes sociais de fato propiciam um espaço

rico de visualidade, possibilitando múltiplas experiências visuais, principalmente, com a possibilidade de uso da língua de sinais por meio de postagem de vídeos (SILVEIRA, 2010). Vivemos atualmente uma expansão de espaços de comunicação virtuais, como o Facebook, o Instagram ou os grupos de WhatsApp. As lideranças surdas, por exemplo, fizeram uso do Facebook para o desenvolvimento da articulação política por meio da criação de grupos em prol do movimento de educação bilíngue para surdos (ALBRES; SANTIAGO; LACERDA, 2012). E, neste mesmo caminho, a cultura surda também encontra um espaço privilegiado de promoção e circulação pelo *Youtube*, onde geralmente são postados grande parte dos vídeos em Libras que circulam nas redes sociais (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LASSARIN, 2011; PINHEIRO, 2011).

Nestes espaços, mesmo que virtuais, as linguagens e ideologias são construídas e ressignificadas, incorporadas e retransmitidas. E é exatamente neste cenário social que nos colocamos como pesquisadoras. A vida real, com suas contradições e distinções sociais, se coloca como pano de fundo e, através da circulação intensa de informações por meio virtual, faz com que parte da comunidade surda intensifique sua participação em redes sociais, principalmente em busca de informação sobre a pandemia e sobre o Coronavírus (mesmo porque os telejornais brasileiros, em sua maioria, não são acessíveis em Libras).

Esta pesquisa tem o caráter etnográfico virtual proposto nas perspectivas de Hine (2009, 2015), Braga (2012), Santos e Gomes (2012) e Arriazu Munoz (2007). Estas pesquisas estão relacionadas a lugares supostamente "reais". Deste ponto de vista, a etnografia de grupos socialmente estabelecidos em meio virtual não é apenas a etnografia dos grupos "on-line" (ou a etnografia "on-line" de grupos), mas sim é a etnografia de situações on-line e off-line relacionadas, como também é a etnografia de humanos e de não-humanos (TELI; PISANU; HAKKEN, 2007).

Estalella e Ardèvol (2007) fazem uma distinção de pesquisas etnográficas virtuais na internet. Primeiramente, ressaltam a atenção com o espaço virtual e a conferência de propriedades específicas (público ou privado). Como um segundo aspecto, propõem delimitar o tipo de interação que está ocorrendo e o escopo de participantes particulares, como também, em um terceiro destaque, abordam a presença explícita e aberta dos pesquisadores, ou seja, os pesquisadores fazem parte da comunidade virtual. Há também outro aspecto a citar, que diz respeito aos princípios que orientam o fazer científico, em respeito à segurança e privacidade dos participantes da pesquisa:

A natureza pública ou privada dos espaços e / ou interações torna-se um elemento-chave na abordagem ética da pesquisa social, uma vez que a categoria pública do espaço determinará se é necessário solicitar o consentimento dos participantes. Há, no entanto, dois aspectos que modulam essa exceção, duas dimensões que funcionam como correções à exceção: (i) a participação do pesquisador e (ii) o tipo de registro realizado. Se o pesquisador interage com a gerência durante a investigação, mesmo que seja realizada em praça pública, ele deve solicitar o consentimento informado; e se o tipo de gravação feita for permanente, como gravações de áudio ou vídeo, os indivíduos devem ser pelo menos informados de que estão sendo gravados. (ESTALELLA; ARDEVOL, 2007, p. 7, tradução nossa)¹

O espaço virtual elencado foi o Facebook como uma grande comunidade do ciberespaço, mais especificamente, grupos abertos criados a partir da notícia do Coronavírus, como Central Libras/Coronavirus (2020), indicando o acesso ao Youtube dos participantes que produzem vídeos e os compartilham também no Facebook.

Após assistir diversos vídeos dessa rede social, optamos por analisar, neste artigo, um vídeo que nos tocou, produzido e compartilhado publicamente no Youtube pelo professor de Libras surdo Patrício Fernando Vega Garrao², a partir do qual nos propomos a desenvolver uma análise dialógica do discurso (ADD) (BRAIT, 2006, 2008).

¹ "El carácter público o privado de los espacios y/o de las interacciones se convierte en un elemento clave en el planteamiento ético de la investigación social, ya que la categoría pública del espacio determinará si es necesario solicitar el consentimiento de los participantes. Hay sin embargo, dos aspectos que modulan esa excepción, dos dimensiones que funcionan como correctivos a la excepción: (i) la participación del investigador y (ii) el tipo de registro que se realiza. Si el investigador interactúa con la gente durante la investigación, aunque ésta se realice en una plaza pública, debe solicitar el consentimiento informado; y si el tipo de registro que se realiza es permanente, como grabaciones de audio o de vídeo, debe al menos informarse a las personas de que están siendo grabadas".

² Apesar do conteúdo analisado estar postado em modo público no canal do professor surdo, optamos por elaborar um "Termo de ciência e autorização de uso de imagem e discurso", em que especificamos os objetivos do estudo e que foi assinado virtualmente pelo docente, atestando a concordância com o uso para fins da presente pesquisa.

Inicialmente, a seção de análise perpassa ideias gerais de direito linguístico em um contexto de vulnerabilidade, para a reflexão sobre educação de surdos nesse momento sócio-histórico. Em seguida, o foco recai sobre a questão de movimentos, ações sociais e alteridade. Nessa visão epistemológica, não há categorias de análise à priori, elas emergem das relativas regularidades dos fenômenos sociais observados e apreendidos durante a realização da pesquisa (BRAIT, 2008): “Os signos de um enunciado devem ser analisados na sua realidade material, jamais isolado dela; nas formas concretas da comunicação social, nunca desvinculado delas; e na relação entre a comunicação e suas formas de base material” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110). Respeitados esses preceitos, é possível alcançar a interpretação do enunciado em sua natureza social. Tal conduta metodológica, perfeitamente aplicável à lida de qualquer semiose, é pertinente ao vídeo postado pelo professor surdo, no qual é possível observar um enunciado verbivocovisual³ (PAULA, 2017).

4 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: O “ENUNCIATO” DE UM PROFESSOR SURDO

O objetivo deste trabalho é desenvolver uma Análise Dialógica do Discurso – ADD, como propõe Brait (2006). Envolve, então, o enfoque na noção de gênero discursivo⁴, conceito nuclear presente no projeto epistemológico de Bakhtin e do Círculo. Na proposta de análise da construção composicional do discurso de vídeo-depoimento com uma mensagem de apelo, objeto de descrição, análise e interpretação, finalidade do presente artigo, o *corpus* selecionado refere-se aos enunciados materializados em um vídeo produzido por um professor surdo.

Como mencionado na introdução, este discurso foi enunciado em meio à pandemia do Coronavírus e, conseqüentemente, da implementação de uma educação emergencial desenvolvida na modalidade remota, o que conduziu a mudanças drásticas nos modos de ensinar e aprender, bem como na escolha e no uso de ferramentas pedagógicas para interação entre professores e alunos. Estas mudanças se deram, geralmente, a partir do uso de tecnologias da comunicação e informação. O vídeo foi publicado no mês de maio de 2020, mas retrata a realidade vivenciada logo no início da pandemia no Brasil, o que teve começo nos meses de março e abril daquele ano.

Diante dessas considerações sobre o contexto do discurso, caracterizar o sujeito se faz essencial. Ele é professor de Libras nascido e criado em Blumenau. Patrício é filho de pais chilenos, que escolheram a cidade para constituir a família. É casado e tem três filhos - sendo que um deles joga basquete e também é surdo. Em 2006, foi aprovado na certificação Prolibras (Exame Nacional de Certificação de Proficiência em LIBRAS), na categoria de “Usuários da LIBRAS, surdos, com escolaridade de nível superior. Patrício é graduado em Letras, com habilitação em Licenciatura em Língua Brasileira de Sinais (Libras), pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e atualmente é contratado como professor supervisor pedagógico/ Libras no município de Gaspar/SC.

Inicialmente, descrevemos o discurso como do gênero apelo, envolvido de uma narrativa sobre as condições das crianças surdas durante os primeiros meses de distanciamento social, ilustrando com parte das ações desenvolvidas por ele e por outro colega, também professor surdo. As preocupações expostas envolvem o não acesso à Libras nesse período de distanciamento social, fazendo um chamamento para que outros professores tomem iniciativas similares a fim de minimizar os prejuízos das crianças surdas fora da escola. O vídeo tem 12 minutos e foi editado antes da postagem no canal pessoal do professor no Youtube, apresentando um discurso individual e trechos selecionados a partir de imagens gravadas em vídeo durante as situações de visita na casa de crianças surdas. Ficou explícita na superfície do texto, por exemplo, a preocupação em acabar com o isolamento linguístico.

³ Os enunciados das línguas tanto as de modalidade vocais-auditivas usadas, geralmente, por pessoas ouvintes, quanto as de modalidade gestuais-visuais, criadas pela comunidade surda, constituem-se por aspectos linguísticos e discursivos, e são compostos por elementos, verbais, vocais e visuais, chamados de enunciados verbivocovisuais, sendo a obra do Círculo suporte para análises (STAFUZZA; SANTOS, 2019), uma vez que o discurso tomado como objeto de análise dessas línguas se constitui e se realiza por elementos verbais e visuais como um todo arquitetônico (FELIPE, 2013).

⁴ “Gêneros do discurso” é um dos muitos conceitos propostos pela perspectiva bakhtiniana de estudos da linguagem e resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio e historicamente. Os gêneros do discurso compõem a nossa comunicação, ou seja, como falamos e escrevemos. Assim, o gênero do discurso pode ser desde o conteúdo de uma bula, uma receita de bolo, quanto um poema, um discurso oral, uma obra de ficção cinematográfica, uma aula ou qualquer outro, como neste caso, um apelo.

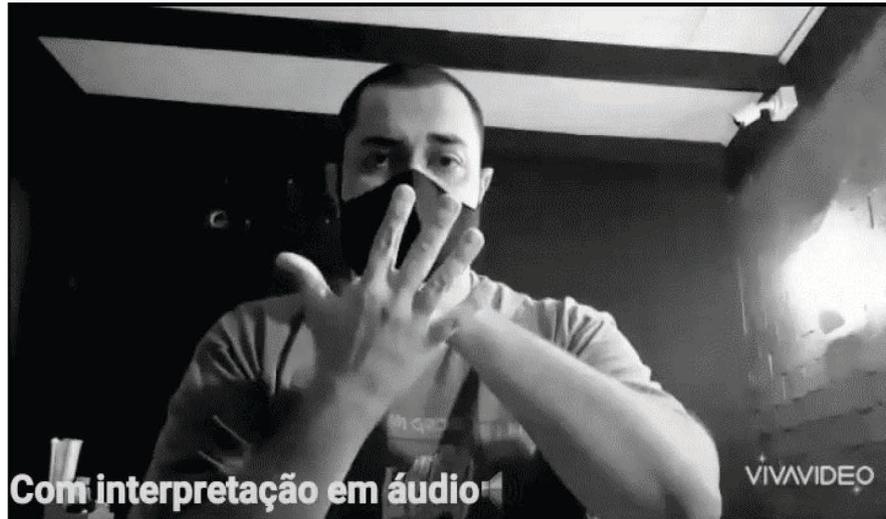


Figura 1: Discurso em Libras - sinal de CORONAVÍRUS

Fonte: Garrão (2020)

Outro aspecto que consideramos relevante no enunciado está na apresentação do professor usando máscara, mesmo que em momento de gravação, aparentemente em sua residência, o que evidencia a preocupação de servir como modelo para os seus interlocutores no que se refere ao necessário comportamento de uso da máscara. O enunciado produzido em Libras é concomitantemente apresentado com o uso de máscara que conduz para a produção de sentidos referentes à prevenção. “Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2016, p. 11-12, grifo nosso). Aqui, acrescentamos a composição do vídeo, o projeto de edição diante do vídeo-depoimento.

A organização do discurso (editado em vídeo) evidencia a intenção de sensibilizar o leitor (interlocutor), apresentando uma espécie de chamamento para a ação social. Assim, o autor do discurso mistura depoimento pessoal, cenas do vivido em visita às casas das crianças, fotos dos materiais pedagógicos elaborados artesanalmente e o depoimento de outro professor convidado a participar da ação solidária.

Como característica geral do gênero apelo, o enunciado em análise apresenta similaridade em sua estrutura. Sua característica principal reside em seu objetivo de expor e informar ao interlocutor (outros professores ou surdos adultos) sobre as condições das crianças surdas, o que faz com que esse gênero seja classificado como argumentativo e persuasivo. Para indicar os trechos da fala em que o gênero apelo é evidenciado, optamos por destacá-los na transcrição utilizando fundo cinza na escrita deste artigo. Assim, a exposição começa com o seguinte discurso:

Eu quero mostrar para vocês a importância desse momento de pandemia P-A-N-D-E-M-I-A né no mundo inteiro... eu vejo muitas coisas e também recebo através do WhatsApp muitas informações que me angustiam e eu tomei uma decisão.

As crianças, os meus alunos surdos: todos conseguem acompanhar o "Google Classroom"... educação à distância, em casa, através do computador, do celular, eles conseguem estudar, é isso? Todos... todos têm, posso afirmar isso? Mas é como ficam as crianças que moram em região distante e que não têm condições financeiras, que não conseguem pagar uma internet, que não tem essa tecnologia? Isso é um grande problema e também as crianças surdas não sabem o que significa a pandemia coronavírus. Eles são muito pequenos, eles não sabem porque a escola parou, eles não conseguem se comunicar com os pais, ficam angustiados... Dois meses em casa... A Libras vai se esvaindo. Isso é um problema.

No "Google Classroom", na educação à distância, "tá tudo certo" eles têm contato com o professor, tiram as dúvidas, mesmo que não consigam se comunicar com os pais, eles podem me chamar através da webcam, em Língua de Sinais e conseguem entender e eles estão mais tranquilos. Mas pra quem mora em regiões que não tem condições financeiras, não tem computador, não tem celular, como eles ficam? Como fica essa comunicação? Então, isso me fez pensar numa...

numa proposta. Eu sou professor de segunda a sexta. Trabalho como professor, faço as aulas, vídeo aulas... Tudo certo. Mas sábado e domingo eu não sou mais professor, eu sou o Patrício. Sábado e domingo eu sou voluntário. Então junto com o André que depois vai também mostrar um vídeo pra vocês... Eu e o André, nós, vamos voluntariamente no sábado e no domingo visitamos a casa desses alunos e levamos materiais em Libras, o que é muito importante para as crianças. E quando elas recebem esses materiais, as atividades e brincadeiras impressas em Libras, elas ficam muito felizes. E isso me deixa muito emocionado mostrar esse vídeo pra vocês. (Enunciado, vídeo 00 min até 2 min e 51 s)

Esse recorte, do início do vídeo, traz pormenores que contribuem para a interpretação do discurso, refletindo e refratando um “enunciATO”. A sociedade como um todo tem divulgado diferentes ações de mobilização coletiva pela solidariedade, geralmente, para suprir necessidades que se intensificaram com a Pandemia, como a carência alimentar diante da perda de renda das famílias brasileiras. Na sua condição de signo ideológico, este enunciado apresenta um discurso responsivo e ativo, no sentido de efetivação de uma ação perante a condição das crianças. Neste caso, sendo evidenciada não a carência alimentar, mas a carência linguística e interativa. No vídeo, (a) parece reacentuado, semiotizando um ato ético no qual as crianças surdas passam a ser incluídas em ações mais próximas da realidade social delas quando da visita em suas casas.

Contudo, cabe destacar que não estamos propondo nenhuma forma de romantização da ação docente. A crítica está posta quando concebemos que essa ação não deveria ser uma ação voluntária e individual, mas uma ação de política pública que pensasse nos alunos surdos e em toda a diversidade cultural, linguística e social que configura esse grupo. Dito de outro modo, consideramos que as estratégias de visitas periódicas e intervenções em casa, tomando os cuidados de bloqueio de contaminação do vírus (uso de máscara, higienização das mãos e distanciamento corporal, ou mesmo o uso de uma indumentária higienizada para descarte depois do contato corporal) deveria ser uma ação do Estado frente à necessidade desse grupo de minoria linguística. No discurso, o professor enfatiza:

Eles são muito pequenos, eles não sabem porque a escola parou, eles não conseguem se comunicar com os pais, ficam angustiados... Dois meses em casa... A Libras vai se esvaindo. Isso é um problema (Enunciado, vídeo 01 min 11 s até 01 min 32 s).

Este enunciATO, portanto, nos conduz à interpretação de que a mesma oportunidade de acesso à escola nesse período de pandemia não está garantida pelas políticas públicas. Seguindo um ato de resistência à injustiça social e às diferenças sociais e econômicas, seu projeto discursivo que eleva a ação humana, a alteridade e a ética, agora registra a ação voluntária de um professor, indicando que todos podem fazer a “sua parte”. Observamos que seguidamente o autor do discurso esfrega as mãos, hesita e faz pausas para pensar e prosseguir com o seu depoimento.

Toda essa educação remota e virtual acontece por meio de tecnologias remetendo à “tela”. Constatamos nesta análise que o sentido dos sinais em Libras não é fixo. A linguagem é usada de forma que há um sistema e os signos podem assumir sentidos distintos. Semioticamente, o signo segue um paradigma que utiliza determinadas formas⁵ da mão já estabelecidas no sistema da língua de sinais, usando parte de um sinal e parte de outro sinal para a construção de um novo efeito de sentido. Por exemplo, para denominar “Google Classroom” (figura 2), a configuração da mão em “L” da mão esquerda corresponde à tela, enquanto que a mão direita, com a palma aberta e em movimento, remete ao sinal de “estudar” já padronizado na língua. Para compor o seu discurso, utiliza-se do sistema de criação, um fenômeno dinâmico, onde um sinal é compreendido a partir de uma visão global e é interpretado pela situação singular e pelas inferências de seus interlocutores.

⁵ Estas formas são denominadas “configuração de mãos” e constituem um dos parâmetros constitutivos do status linguístico das Língua de Sinais.

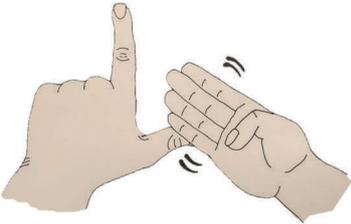


Figura 2: Sinal de *Google Classroom*⁶

Fonte: Garrão (2020)

Assim, parte do sinal provém de /ESCOLA/ ou de /ESTUDAR/ articulado simultaneamente ao sinal de /TELA/ para compor o signo “*Google Classroom*”. A tela pode ser a do computador, TV, laptop, entre outras.

Quadro 1: Composição do sinal em Libras para “*Google Classroom*”

Parte do sinal de TELA	Sinal de <i>GOOGLE CLASSROOM</i>	Parte do sinal de ESTUDAR
/TELA/ remete ao sentido de equipamento. O que implica também o letramento digital e pressupõe recursos financeiros e prática (uso da tecnologia).		/ESTUDAR/ pressupõe o outro, linguagem, mediação, planejamento, objetivos delimitados, organização, material didático. Pressupõe também condições psicológicas e físicas para sua realização.

Fonte: Produção das autoras para este artigo

Compreendemos que o signo é ideológico e valorado. O signo é circuito da cultura e pelo contexto social e histórico pode-se construir sentidos sobre a forma de ensino-aprendizagem em aula não presencial. Ao mesmo tempo, o signo tem componentes éticos e estéticos. O vídeo como um todo tem vários aspectos de arquitetônica da linguagem virtual, incluindo língua, imagem, vídeo, cores, editoração,

No sistema da língua, o signo (palavra ou sinal) seria “neutro”, mas na vida, quando é apropriado pelos interlocutores, torna-se verdade ou mentira. Nesse discurso, o signo que remete a estudar pela tela não se refere somente ao ensino remoto em si, mas às diferenças sociais, o que, no caso das crianças surdas, se intensifica uma vez que se observa que uma grande parcela dos alunos surdos está desprovida de recursos adequados. Tanto que o sinal de “*Google Classroom*” e outras tecnologias é seguido, na edição do vídeo-depoimento, da apresentação de interações reais na casa das crianças, uma realidade mais palpável para os alunos surdos, principalmente aqueles que vivem em situação desprivilegiadas.

No decorrer de seu enunciado, o professor surdo enfatiza a questão do acesso à tecnologia e dos recursos financeiros limitados das crianças e de suas famílias, evidenciando a diversidade econômica dos alunos e as desigualdades sociais por estes vivenciadas,

⁶ *Google Classroom* é uma plataforma educacional colaborativa que possibilita a interação virtual entre os usuários (professores e alunos), que engloba diversas ferramentas educacionais e cujo acesso ocorre de forma gratuita. No entanto, ela requer o uso de um dispositivo móvel conectado à internet. Em seu discurso, o professor surdo faz inúmeras perguntas retóricas levando a respostas negativas de acesso à tecnologia, à comunicação em Libras e, conseqüentemente, o não acesso à educação por uma parcela de seus alunos surdos.

chamando a atenção quando essa diferença ocasiona prejuízo pessoal à criança. Na sequência, Patrício indica que um número significativo de alunos não tem acesso ao “Google Classroom”. E, remetendo às imagens da interação com as crianças, finaliza o depoimento:

Patrício: *Viram? O vídeo com as fotos que eu mostrei? Mas eu quero pedir um favor para o Brasil inteiro: façam um igual a mim. Não estou falando de professores, empresas... tudo isso está ok. Todos os surdos sabem os sinais, os vídeos, as imagens, todas as estratégias que são feitas. E o planejamento, a impressão para entregar né usando máscara e álcool gel pra entregar esses materiais das atividades para alegrar as crianças surdas. Principalmente nas regiões que não tem dinheiro, não tem internet, não tem computador... auxiliar principalmente essas regiões. Então se vocês quiserem, surdos, nos ajudem, pode me perguntar no privado, conversem comigo, por favor. Mas os professores, tem mas [...] mestrado, doutorado, ensino superior... os ouvintes... estão ensinando... tudo certo. Mas sábado e domingo vamos fazer um trabalho voluntário com essas crianças que não sabem, não entendem o que é a quarentena, o que significa isso... coronavírus... o que significa, eles não sabem porque que eu vejo tanta gente de máscara, o que é isso? Vamos aproveitar e repassar, visitar a casa desses alunos, explicar a eles o que tá acontecendo, brincar, alegrar eles... Os pais gostam de aprender os sinais também. Por exemplo: vamos começar com sinal de cores, de animais e assim por diante, com calma... Viram como eu fiz no vídeo, os ovos coloridos? Isso é gostoso estimular e a família ter esse contato também. Ai depois quando tiver tudo ok, então passar para o sinal dos animais e ir levantando essas informações, imprimir esses materiais e levando para eles estimulando, isso é muito importante! Então, por favor, façam igual a mim, tenham essa empatia com as crianças... As crianças não têm comunicação... Como elas se sentem? Acabou a sinalização, porque a escola está fechada... Então elas tão sozinhas, em silêncio, sem comunicação, isoladas... Vamos ter empatia, vamos auxiliá-las... Tá bom? Por favor! Um grande abraço a todos, fiquem em casa, se cuidem, usem álcool gel e máscara, tá certo?*

(Enunciado, vídeo 08 min 23 s até 10 min e 56 s)

No discurso enunciado, na finalização do vídeo-depoimento, o locutor convoca os professores, os surdos adultos e os ouvintes que sabem Libras para que se engajem em um trabalho mais efetivo frente às desigualdades. Nesse sentido, duas importantes pesquisadoras da área da educação de surdos ressaltam o quanto “os surdos divulgarem suas conquistas nas redes sociais, valerem-se dessas redes para formar lideranças e interferir na opinião pública, para fazer dela um instrumento a favor do movimento surdo, significa manter-se resiliente, apesar da exclusão que ainda ocorre nas escolas.” (PERLIN, SOUZA, 2015, p.68).

Thoma e Klein (2010) também analisaram discursos de professores (líderes surdos) sobre suas “Experiências Docentes e Narrativas na Educação de Surdos” desde o início dos anos de 1990. São narrativas, memórias e escritas de si que revelam situações que mobilizaram o movimento e das lutas surdas e seus efeitos nas políticas e práticas educacionais atuais

Percebemos, nas respostas dessas lideranças surdas, um comprometimento que se estabelece entre seus membros, formando uma rede de trocas de comunicação, símbolos, imagens e outros dispositivos de identificação. Essa rede constitui-se através de um comprometimento com a língua de sinais, com a cultura surda e as estratégias de compreender e relacionar-se com outros indivíduos surdos e com o mundo. A comunidade surda mantém-se como território de administração das existências individuais e coletivas, em que laços, vínculos, forças e afiliações devem ser celebrados, estimulados, nutridos, moldados e instrumentalizados, na esperança de produzirem-se consequências desejadas para todos e para cada um. (THOMA; KLEIN, 2010, p. 125)

O momento atual é agravado pelo distanciamento social imposto pela presença de um vírus novo. A pandemia evidenciou mais ainda o despreparo para a consolidação de uma educação bilíngue. Por exemplo, “Alunos surdos da rede pública de educação do Tocantins estão com dificuldades de aprendizado pela falta de acessibilidade nas aulas online. Mesmo nas aulas gravadas, não há o suporte de intérprete, o que prejudica a compreensão dos estudantes surdos do conteúdo”. (FALTA..., 2020).

As notícias de falta de acesso, de desrespeito e negligência diante da comunidade surda se tornaram corriqueiras em meio às notícias do número crescente de mortes e da inércia de políticas de saúde, seguridade social e educação. Assim como Patrício, muitos outros professores estão fazendo a sua parte

Nas redes públicas de ensino brasileiras, há também iniciativas de transmissão de aulas, inclusive por canais de televisão, para contornar a não universalidade da internet. Mas, assim como entre os casos de coronavírus, há os estudantes subnotificados, daqueles cujo paradeiro não se sabe ao certo com as escolas fechadas.

“Liguei pra minha diretora pedindo a lista de telefones dos meus alunos de quarto ano. A maioria não tem ou não atende”, me contou uma professora municipal, de mãos atadas para fazer seu acompanhamento, diante da ausência de uma rede de apoio forte do Estado, o ator que não aparece na “crise moral”, mas está a movê-la determinadamente. Em tal cenário, escola e família sequer se enfrentam, já que não mais conseguem se comunicar. Nesse silêncio, a crueza hiperbolizada da desigualdade. (BAZZO, 2020, paginação irregular)

Evidencia-se com esses depoimentos os inúmeros desafios enfrentados pelos professores, mas há pesquisas que evidenciam também os caminhos e perspectivas dos professores de Libras, como no estudo de Cunha Junior (2020, p.45), também surdo: “Realidade virtual em Educação Bilíngue é um grande desafio, porém não impossível se a dinâmica e as articulações, em estrutura e conjunturas que envolvem as instituições de ensino, as políticas públicas e linguísticas alcançarem esses alunos. Assim, os recursos audiovisuais, podem ser compartilhados nas relações interculturais para aquisição de conhecimento em ensino-aprendizagem”.

No discurso do professor Patrício, é possível apreender um sentimento de injustiça que se agrava neste período de crise. Todavia, quando finalmente o confinamento chegar ao fim, certamente esse professor será reconhecido como alguém que agiu para minimizar as desigualdades. Precisaremos observar essa ação como um compromisso além do pedagógico, mas como o sentimento de unidade com um povo que fala uma língua minoritária, um sujeito dessa comunidade com compromisso e ação que assume para si a responsabilidade de vidas, talvez nem tanto ameaçadas pelo vírus como uma doença física, mas com consequências devastadoras para a linguagem, afetividade e cognição de crianças surdas isoladas.

Analisando o discurso como um todo e não um signo em si ou a composição do vídeo-depoimento, sentimos a força da educação como transformadora, como motriz para fazer a diferença na vida das crianças surdas. Assim como Skliar (2021, paginação irregular) indica:

Tenho a sensação de que toda a linguagem educacional - e suas práticas, e suas ações e seus efeitos - foi abalada durante a pandemia. Algumas palavras recuperaram o sentido ético e outras tornaram-se negligentes ou meros esconderijos para tentar explicar a incerteza e a excepcionalidade de um tempo único. Percebi que era fundamental fazer uma distinção profunda entre ensinar e ir à escola, entre presença e existência, entre conectividade, comunicabilidade e disponibilidade, entre função e forma de construir escolas. Apreciei especialmente aquele tipo de "força docente" que sempre consiste em levantar os escombros das crises sociais, econômicas e culturais para reconstruir o sentido da educação.

Em período de crise global sem data para término, vivemos profundas transformações sociais e individuais. Transformações na esfera familiar, no trabalho e nos espaços de interação social, ou seja, nos modos como a sociedade se organiza. A força docente está no seu poder de transformar-se em função do outro, em função da sociedade ressignificando a palavra ensinar e aprender.

5 UM ANO DEPOIS ... FECHANDO ESTE TEXTO AINDA SEM O FIM DA PANDEMIA

Tanto as políticas linguísticas quanto as políticas educacionais voltadas para os surdos e para o uso das línguas de sinais colocam em diálogo os campos da Linguística, da Política e do Direito sendo que, no Brasil, essas interfaces têm ocorrido, prioritariamente, a partir dos estudos realizados no âmbito da Educação e Linguística.

Este artigo propôs uma análise em torno do discurso de um professor surdo que constrói um vídeo-apelo abordando tanto as políticas, os direitos linguísticos das crianças surdas, como das projeções dos caminhos que podem ser vislumbrados a partir da ação didático-pedagógica voluntária de professores.

O professor surdo enfatiza a questão do acesso à tecnologia e dos recursos financeiros limitados das crianças e de suas famílias, evidenciando a diversidade econômica dos alunos e as desigualdades sociais por estes vivenciadas, chamando a atenção quando essa diferença ocasiona prejuízo pessoal à criança. E é exatamente a partir da percepção do professor sobre a realidade de seus alunos, que ele se mobiliza tanto no sentido da ação de ir ao encontro desses alunos, quanto na ação enunciativa do depoimento e na estética presente na elaboração do conteúdo apresentado no vídeo editado e postado em modo público no *Youtube*. Em uma atitude que visa principalmente alertar para o contexto narrado, o professor assume um posicionamento crítico, se expondo publicamente em seu discurso de apelo.

Em tempos tão incertos, onde as desigualdades são evidenciadas pela escassez de recursos, consideramos que em seu “enunciATO” o professor Patrício reflete os valores humanos que o constituem e que em nome da defesa daquilo que ele acredita, em nome dos sonhos que movem o professor em sua ação docente e cidadã se arrisca ao perigo de uma contaminação pelo novo Coronavírus ao ir até a casa das famílias de seus alunos.

Além desse contexto social, a linguagem humana materializada em vídeo interpretado por nós como um “apelo”, a composição multimodal do discurso em que o projeto de dizer do professor é composto por múltiplas semioses que se articulam e interagem para provocar o sentido de convocação para a ação social, evidenciamos na análise a expressão correspondente à “*Google Classroom*” em Libras como um fenômeno linguístico que tem um efeito de sentido inovador e crítico. Essa expressão em Libras tem em sua construção a composição de dois sinais referentes à /TELA/ e à /ESTUDAR/ o que implica um conjunto de pré-requisitos, como: recursos materiais, habilidades pessoais e de mediação interpessoal.

Destacamos, por fim, o quanto o contexto pandêmico tem demandado de professores e professoras uma dedicação extrema às ações inerentes a sua função. De uma hora para a outra, esta categoria precisou se reinventar, encontrar estratégias metodológicas que possibilitem a continuidade do processo educativo institucionalizado. Se buscássemos outras experiências similares à analisada neste artigo, certamente encontraríamos um sem-fim de histórias de luta e superação. E mesmo que, no cenário brasileiro, ainda exista um estigma de desvalorização social dos profissionais da educação, é exatamente o segmento dos educadores que tem protagonizado uma verdadeira revolução nos modos e meios de desenvolver suas ações docentes, mesmo frente a tantas adversidades. Esta classe, historicamente tão julgada, tem sido fundamental no movimento de diminuição das desigualdades e, conseqüentemente, na paulatina superação dos obstáculos impostos pela pandemia da Covid-19, no Brasil e no mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à colega pesquisadora Gina Viviana Morales Acosta da Facultad de Ciencias de la Salud. Universidad de Antofagasta do Chile pela tradução do resumo para a língua espanhola. Agradecemos a Fernando Viegas Fernandes pela tradução do resumo para a língua inglesa. Agradecemos aos avaliadores pela contribuição com a leitura e os comentários sugeridos para este trabalho.

REFERÊNCIAS

ARRIAZU MUÑOZ, R. On New Means or New Forms of Investigation. A Methodological Proposal for Online Social Investigation through a Virtual Forum. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, [S.l.], v. 8, n. 3, sep. 2007. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/275>. Acesso em: 02 jul. 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.17169/fqs-8.3.275>.

ALBRES, N. de A. Política linguística e política educacional: duas faces de uma mesma moeda para surdos. *In*: BARROS, A. L. de E. C.; CALIXTO, H. R. da S.; NEGREIROS, K. A. de. (org.). *Libras em diálogo: interfaces com o ensino*. Campinas: Pontes, 2019. p. 15-48.

ALBRES, N. A.; SANTIAGO, V. de A. A.; LACERDA, C. B. F. de. Interações em redes sociais e as representações sobre a liderança da comunidade surda em textos verbo-visuais. *Calidoscópio*. v. 13, n. 2, p. 201-209. 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2015.132.06>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ALBRES, N. de A.; SCHLEMPER, M. D. da S. Tradução em período de pandemia: distanciamento de crianças surdas na escola e a literatura como linguagem viva. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 45, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/issue/archive>. Acesso em: 29 abr. 2021.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BÄR, E. C.; RODRIGUES, C. S.; SOUZA, R. M. de. Quando a política linguística se funda na noção de deficiência: circularidade nos textos das leis e a ilusão da garantia de direitos linguísticos. *Revista Digital de Políticas Linguísticas*, Año 10, v. 10, nov. 2018. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/RDPL/article/view/22194/21800>. Acesso em: 29 abr. 2021.

BAZZO, J. *Escola em quarentena: novos desafios, velhos dilemas*. 7 de abril de 2020. Publicado originalmente em 27 de abril de 2020 pelo blog CONFINARIA – Etnografias em Tempos de Pandemia, do CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia (Portugal). Disponível em: <https://blogprimaveranosdentes.wordpress.com/2020/04/27/escola-em-quarentena-novos-desafios-velhos-dilemas/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos chave*. 1a edição. 1a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-31.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá*, v. 11, n. 20, 30 jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238> Acesso em 29 abr 2021.

BRITO, F. B. de. *O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais*. 2013. 275 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CENTRAL LIBRAS/CORONAVÍRUS. Grupo no Facebook. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/918648301921031>. Acesso em: 26 jan. 2022.

CUNHA JUNIOR, E. P. Desafios linguísticos no ensino escolar e superior de surdos paulistanos em tempo de coronavírus. *In*: LIBERALI, F. C. et al. (org.). *Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/342611734> Educacao em tempos de pandemia brincando com um mundo possível Acesso em: 15 fev. 2021.

ESTALELLA, A.; ARDEVOL, E. Field Ethics: Towards Situated Ethics for Ethnographic Research on the Internet. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, [S.l.], v. 8, n. 3, sep. 2007. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/277> Acesso em: 2 jul. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.17169/fqs-8.3.277>.

FALTA de intérpretes na rede pública de educação prejudica acesso de estudantes surdos a aulas online. *G1, TV Anhanguera*, 20 jul. 2020. Disponível em:

https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2020/07/03/falta-de-interpretes-na-rede-publica-de-educacao-prejudica-acesso-de-estudantes-surdos-a-aulas-online.ghtml?fbclid=IwAR0GEbyXY6RqrG0WWkh3LqBHpvlSL0qAiLCs5d9J9vDE_hgmuhJOOePAqFk. Acesso em: 15 out. 2020.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. *Educar em Revista*. Ed: UFPR, Curitiba - PR, Edição Especial, n. 2, p. 51-69, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000600005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 jul. 2020.

GARRÃO, P. V. Apoio alunos surdos fazer casa. 1 vídeo. Publicado em 24 maio 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=zGLXDah5eL0>. Acesso em: 26 jan. 2022.

HINE, C. *Etnografia virtual*. Barcelona, Editorial UOC, 2004.

HINE, C. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

IBAM. *Edital de convocação*. 2011. Disponível em: <http://www.ibam-concursos.org.br/documento/editaldef.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 15-28.

LODI, A. C. B. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49-63, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100004. Acesso em: 28 out. 2020.

LODI, A. C. B.; ROSA, A. L. M.; ALMEIDA, E. B. de. Apropriação da Libras e o constituir-se surdo: a relação professor surdo-alunos surdos em um contexto educacional bilíngue. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em <http://www.revel.inf.br/files/0cfd4d051631c1ba66ec76d39d537ac8.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MACHADO, F. M. A.; FELTES, H. P. de M. Comunidade surda e redes sociais: práticas de regionalidade e identidades híbridas. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, p. 33-49, 2010. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/469>. Acesso em: 24 abr. 2021.

PAULA, L. de. *Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem* (projeto de pesquisa). São Paulo, Assis: 2017b. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/1309a5_b8d67b356fb849be88036d26487d33d9.pdf. Acesso em: 07 abr. 2021.

PINHEIRO, D. Produções surdas no youtube: consumindo cultura. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 29-40.

PERLIN, G.; SOUZA, R. M. Política inclusiva e acesso ao ensino público: resistência e espaços de negociação. *Revista Digital de Políticas Linguísticas*, v. 7, p. 52-71, 2015. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/RDPL/article/view/13082>. Acesso em: 20 abr. 2021.

PINO, A. O biológico e o cultural nos processos cognitivos. In: MORTIMER, E. F.; SMOLKA, A. L. B. (org.). *Linguagem, cultura e cognição: reflexões para o ensino e a sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica. 2001. p. 21-62.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Direitos, Políticas e Línguas: divergências e convergências na/da/para educação de surdos. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 661-680, Sept. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362016000300661&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jan. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/2175-623661114>.

SANTOS, S. A. dos; FRANCISCO, C. Políticas de tradução: um tema de políticas linguísticas?. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 2939-2949, abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n1p2939>. Acesso em: 24 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/1984-8412.2018v15n1p2939>.

SANTOS, F. M. dos S.; GOMES, S. H. de A. Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. In: VII SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM CIBERCULTURA, 7., 2013. Curitiba, Paraná. Disponível em: http://www.abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_1_Educacao_e_Processos_de_Aprendizagem_e_Cognicao/26054arq02297746105.pdf. Acesso em: 20 de março de 2021.

SILVEIRA, C. H. Uma análise de comunidade do Orkut: diferentes representações de cultura surda e surdez. In: LOPES, M. C.; FABRIS, E. H. *Aprendizagem e inclusão: implicações curriculares*. Santa Cruz do sul: Editora EDUNISC, 2010. p.119-247.

SKLIAR, C. *Atualidade da educação bilingue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SKLIAR, C. Deudas y desafíos de la educación en tiempos del coronavirus. [Entrevista], *Agencia CTyS*, 3 mar. 2021. Disponível em: http://www.ctys.com.ar/index.php?idPage=20&idArticulo=3798&fbclid=IwAR03K2moYChjv4CgVebvMTad0Ut5WlZvPvlBHzxDiClazA_U-pnjcOH7SEk. Acesso em: 20 mar.2021.

TELI, M.; PISANU, F.; HAKKEN, D. The Internet as a Library-Of-People: For a Cyberethnography of Online Groups. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, [S.l.], v. 8, n. 3, sep. 2007. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/283>. Acesso em: 02 jul. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.17169/fqs-8.3.283>

THOMA, A. da S.; KLEIN, M. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. *Cadernos de Educação* (UFPEL), v. 1, p. 107-131, 2010. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n36/05.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

VIEIRA, T. D.. *Filme publicitário e(m) dialogização: processos de refração no projeto de dizer de um gênero híbrido*. 2019. 233f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2019.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZIESMANN, C. I.; PERLIN, G.; VILHALVA, S.; LEPKE, S. (org.). *Famílias sem Libras: Até quando?* Santa Maria-RS: Editora e gráfica Curso Caxias, 2018.



Recebido em 05/05/2021. Aceito em 09/12/2021.